

LÍNGUAS E LITERATURAS ROMÂNICAS – UMA JANELA PARA O MUNDO

Rui Pedroto

A sociedade portuguesa conheceu profundas alterações ao longo das últimas décadas.

O advento da democracia, a integração de Portugal na União Europeia, a globalização e a crescente interdependência das comunidades nacionais nos domínios político, económico, social e cultural, produziram transformações sensíveis no mundo do trabalho e nos sistemas educativos.

O velho paradigma das relações de trabalho caracterizava-se pela vocação tendencialmente perene dos vínculos laborais, o desenvolvimento da carreira ao serviço de um reduzido número de entidades empregadoras, a previsibilidade na evolução do trajecto profissional, o relativo imobilismo temporal das exigências ao nível das competências pessoais detidas, num quadro pois de estabilidade agora ameaçado.

As relações de trabalho são hoje marcadas por crescentes exigências de mobilidade espacial e funcional, acrescida volatilidade, precarização e atipicidade dos vínculos laborais e oscilações frequentes nos percursos profissionais.

O grau de interpenetração e abertura das economias ditado pela globalização económica, o clima de incerteza e de propensão à mudança, a dificuldade em planear a longo prazo, desafiam a competitividade das empresas requerendo destas uma atenção particular na gestão do seu capital humano.

O novo paradigma laboral deve assim assentar numa força de trabalho adaptável e flexível, disponível para o aperfeiçoamento e a melhoria permanentes privilegiando a formação contínua e a aprendizagem ao longo da vida, detentora de perfis de competência diversificados e alargados e, destarte, potenciadores do alargamento do espectro funcional, aberta à inovação e ao empreendedorismo.

No plano educativo, a excessiva polarização de cursos ditada pelo crescimento desregulado do ensino superior privado, o desajustamento entre a oferta educativa e as necessidades do mercado de emprego, a débil interlocução entre as instâncias educativas e o mundo empresarial, a par de uma certa deriva tecnocrática e economicista do ensino superior, ameaçam hoje a sustentabilidade do ensino das letras e das humanidades em geral confrontando os jovens com o espectro do desalento, da frustração e do desemprego.

Se, pelos motivos aduzidos, as profissões tradicionais (ensino, tradução, meio editorial) abraçadas pelos jovens licenciados nas áreas das línguas e literaturas vêm hoje a sua empregabilidade ameaçada, portas afinal que se fecham, logo se entreabrem janelas de oportunidade noutros domínios.

A comunicação nas suas várias vertentes, o sector da economia social, o ensino da língua portuguesa no estrangeiro, a cooperação com os países lusófonos onde Portugal tem inegáveis vantagens comparativas nos planos cultural e educativo, a mediação cultural no quadro, desde logo, do crescente esforço de internacionalização das empresas portuguesas, a produção de conteúdos multimédia, o turismo de

experiências como factor de diferenciação da oferta turística, constituem porém, por incertas que ainda pareçam, novas e promissoras oportunidades.

Apelando todas elas à multiculturalidade e à transversalidade dos saberes apanágio, de hoje e de sempre, do magistério das letras e das humanidades.